

Os Memes Sobre o Movimento Escola Sem Partido sob o Viés da Oposição à Construção Discursiva da Mídia Tradicional ¹

Augusto Martins de JESUS²
Karol Natasha Lourenço CASTANHEIRA³

Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

Resumo

O surgimento das novas mídias proporcionou para o ambiente digital inúmeras maneiras de se comunicar, elevando o processo de comunicação para um patamar mais acentuado no campo do visual e em um novo sistema de produção de conteúdos e notícias. Em decorrência disso, um novo formato/gênero aparece como resultado das transformações desse ambiente: o meme. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o conteúdo dos memes referente ao projeto de lei e movimento do Escola Sem Partido e compreender como tais produtos se opõem discursivamente aos conteúdos que tem como origem a mídia tradicional. No campo metodológico, a pesquisa embasa-se em análise de conteúdo desses memes enquanto formas simbólicas de comunicação.

Palavras-chave

Memes; Escola Sem Partido; Discurso; Mídia tradicional; Redes sociais.

1. Introdução

As atividades de comunicação no universo digital, especialmente no que diz respeito aos conteúdos produzidos nas redes sociais, provocaram inúmeras mudanças nos modelos de sociabilidade. A consolidação da pós-modernidade, em especial a manutenção da era digital, proporcionou que diversas dessas novas atividades interferissem em algumas dinâmicas jornalísticas.

Esse novo processo de comunicação carrega, a partir de agora, conteúdos ditos como imagéticos conduzindo perspectivas para o surgimento de novos gêneros por meio de transformações em práticas sociais.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Foi bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Unesp e Docente do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Nessas circunstâncias, a partir das polêmicas envolvendo o projeto de lei e o movimento em torno do Escola Sem Partido, observa-se a proliferação de discursos em formato de memes, já que obteve tal destaque por parte da mídia tradicional tornando-se memorável em inúmeras situações corriqueiras. Tal viralização – fenômeno impulsionado pelas redes – resultou para além de um significado humorístico, considerações acerca do contexto social ao trazer para as análises os personagens em questão, a relação com o leitor/observador, a produção do conteúdo e a própria composição das imagens.

Conforme trabalho já apresentado anteriormente⁴ sobre a mesma temática, os enquadramentos realizados e a medição da qualidade de informação acerca do projeto de lei e do movimento Escola Sem partido no Portal G1 só foram possíveis, porque tal assunto ganhou espaço num período de turbulência política que impulsionava (e ainda impulsiona) a industrialização das salas de aula, fazendo com que direita e esquerda se atrasassem em discussões que potencializavam os ânimos partidários.

Das análises extraídas na pesquisa passada, a ênfase dada pelo portal de notícias da Rede Globo recaiu para os argumentos favoráveis ao dar preferência de tempo para os adeptos ao movimento e o mínimo direito de resposta a cada argumento contrário a ela, atrelado, também, à ausência de contextualização sobre projetos anteriores que tenham respaldado o projeto atual, contribuindo, assim, para uma formação deficitária da opinião pública.

Não tendo espaço para argumentos que se opunham ao projeto de lei e ao movimento Escola Sem Partido, foi na internet, portanto, especialmente por meio dos memes, que a construção discursiva da mídia tradicional sofreu oposição.

2. Os memes e as suas manifestações como novo gênero discursivo

A respeito desse novo formato, a pesquisa buscou alguns referenciais teóricos que venham a elucidar, de fato, o que é um meme e como ele atua nesse novo processo comunicacional.

⁴ Este artigo é fruto de uma pesquisa financiada pela Fapemig no ano de 2017, tendo sua primeira parte da análise apresentada no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018 com o título “Comunicação Política: um estudo comparado do enquadramento do Projeto de Lei Escola Sem Partido pela mídia tradicional.”

Para Dawkins (1979), a concepção do autor vislumbra no meme o menor elemento complexo de reprodução cultural. Em outras palavras, isso expressa que em determinado ambiente um sinal, uma imagem ou um artefato ganha qualidades e atributos e se transforma em função de aspectos sociais e culturais desenvolvidos a partir de apropriações e reproduções.

Para Fontanela (2009b, p 8), os memes coloquialmente, são entendidos como “ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação viral”.

O autor Clay Shirky (2011) na obra *A Cultura da Participação* retrata um ambiente cada vez mais popular na cibercultura e favorável à proliferação dos memes: a criação de conteúdos por amadores. Este cenário foi viabilizado pelo fato de a internet ter se convertido num “espaço de participação de todos⁵” (JENKINS, 2006, p. 183), no qual o consumidor – internauta – pode ao mesmo tempo, consumir os conteúdos pela mídia e contribuir com seu próprio material.

Com a massificação do acesso à internet, novos critérios de noticiabilidade, portanto, podem ser percebidos. A repercussão dos acontecimentos na rede, principalmente em formato dessas unidades, tornou-se um valor-notícia. Em contrapartida, os memes podem ser considerados os conteúdos propícios da internet, apesar de que há pesquisas que apontam que os memes surgiram com os estudos da sociobiologia, na década de 1970, para lançar uma compreensão e dar conta de processos de replicação e evolução cultural dos genes como responsáveis por replicarem o conteúdo geracional na evolução biológica dos organismos vivos (DAWKINS, 1979).

Para além dos conceitos trazidos do campo da biologia, há na comunicação certa facilidade em compreender o gênero do meme, visto que o próprio jornalismo o entende como uma publicação de conteúdo humorístico, de expressivo alcance e compartilhado por um grande número de internautas.

⁵ A utilização da palavra “todos” indica que a posição dos pesquisadores relativiza a participação de todos no ambiente digital, pois as desigualdades permeiam não somente os ambientes *off-line* como *online*, onde as discrepâncias cognitivas do ponto de vista da usabilidade e eficácia de uso tecnológico e de acesso ainda são muito presentes.

2.1 Análise de conteúdo

Após especificar como se dão os memes e suas implicações enquanto novo gênero discursivo, analisa-se a partir de agora, a composição desse tipo de produção. Com referência na obra de Bardin (1977), conclui-se que esse tipo de análise de conteúdo trata-se, basicamente, de um método empírico, visto que cabe aos pesquisadores mapear a partir do objeto central, os objetivos e os meios que possuem para que tal análise possa ser realizada.

A partir desse cenário, busca-se nas análises dos memes abaixo verificar em que medida as descrições das imagens e as descrições dos textos dotados de uma construção discursiva se opõem aos conteúdos veiculados pela grande mídia ou mídia tradicional:

Figura 1 – Bela Gil e a política da substituição



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

A figura 1 faz referência a Bela Gil, celebridade brasileira, culinária e apresentadora do programa *Bela Cozinha* no GNT e apresentadora do Canal da Bela no *YouTube* que prega, ou melhor, propõe a substituição de algo nocivo por uma alimentação consciente e saudável com sabor e qualidade.

A crítica e ou oposição é no sentido de trocar as falácias, as consequências e o caráter repressor do Escola Sem Partido, por um congresso e até mesmo um senado federal sem a presença da chamada bancada evangélica com a finalidade de atingir a laicidade do Estado – laicidade esta que assentaria bases e suportes para combater os desafios e os entraves que a convivência numa sociedade diversa e plural carrega.

Figura 2 – Willy Wonka Irônico



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

O ator Gene Wilder que vivenciou no cinema o personagem Willy Wonka no filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, em 1971, ganhou as redes sociais com o meme Willy Wonka Irônico. Entre 2011 e 2012, a imagem do ator foi usada diversas vezes como sinônimo de ironia para qualquer frase ou situação. A página no Facebook chamada Willy Wonka Irônico é atualizada até hoje.

A crítica sustenta-se na posição em que o ator permanece na imagem (cotovelo apoiado sobre o que parece ser uma mesa), no sorriso irônico e no enunciado “conte-me mais (sobre isso)” travestidos de desconfiança diante de qualquer pessoal que defenda os projetos de lei/movimento que envolvem o Escola Sem Partido.

Figura 3 – O bordão do Compadre Washington



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

O bordão “sabe de nada, inocente”, do cantor Compadre Washington, da banda *É o Tchan* se popularizou na web após aparecer na propaganda de um site de

classificados. Na peça publicitária, o cantor aparece na forma de um rádio inconveniente, que duvida da fidelidade da mulher que está na piscina. A frase virou meme e ganhou diversas versões nas mãos dos usuários.

A crítica e o humor são construídos a partir da inocência daqueles que defendem o Escola Sem Partido, mas que não conhece de fato as nuances do projeto de lei e do próprio movimento.

Aqui, o bordão se sobrepõe ao próprio personagem, mas também aciona como quadro de referência à censura e as outras facetas que o projeto Escola Sem Partido propõe.

Figura 4 – Hitler e a ideologia nazista.



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

A crítica surge ao trazer como imagem a figura de Adolf Hitler, político /ditador alemão que serviu como líder do Partido Nazista, tornando-se o principal instigador da Segunda Guerra Mundial na Europa e a figura central do Holocausto.

Numa espécie de eufemismo, o meme camufla e oculta à frase “vamos censurar os professores”, por outra “vamos criar o Escola Sem partido”. O discurso é diferente, mas a intensão continuou sendo a mesma.

Aciona um discurso já articulado e reverberado entre os usuários e que virou “moda” nas redes sociais: a figura de um personagem histórico a fim de corroborar a ideia pretendida, dando não somente visibilidade, mas medo das consequências das aplicabilidades das normas do projeto de lei e do movimento Escola Sem Partido.

Figura 5 – A gargalhada de Aécio Neve e FHC



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

Mais uma vez, podem-se constatar aqui, as condições sociais que fazem referência ao contexto social em que dada política se insere e as condições econômicas que fazem referência ao contexto econômico em que dada política está inserida.

A crítica encontra sustentação de humor e oposição aos enquadramentos realizados pela mídia tradicional em si, em especial o G1, ao trazer os dois maiores representantes do partido PSDB e da direita brasileira (a época que antecedia as eleições presidenciais de 2018) rindo e debochando de uma das consequências da aprovação do projeto de lei que envolve o Escola Sem Partido.

Além disso, a crítica e o humor também surgem no fato de a imagem insinuar que o Senador Aécio Neves esteja fofocando no ouvido do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e ridicularizando a situação do professor no Brasil.

Na época da coleta de dados e informações para a realização de pesquisa que objetivou o enquadramento de notícias do Portal G1, a página no *Facebook* “Minha Campinas”, ridicularizou o movimento Escola Sem Partido ao indagar para seus seguidores, o que aconteceria na TV e no cinema com a proposta do Escola Sem Partido.

Segundo a própria página, a resposta para essa pergunta seria “uma verdadeira distopia” e ainda acrescenta que “do jeito que está escrito, as mínimas tentativas de promoção de debate, poderiam enquadrar os professores por não serem “neutros””.

Segue abaixo algumas das imagens publicadas no post datado de 14 de agosto de 2017:

Figura 6 – Professor Raimundo



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

O personagem em questão faz parte do programa humorístico “A Escolinha do Professor Raimundo” que reúne outros personagens engraçados em uma sala de aula comandada pelo professor acima mencionado, interpretado pelo ator e comediante Chico Anysio. No programa, Raimundo utilizava-se de um famoso bordão “e o salário, ó” para referir-se à ‘difícil’ profissão de docente no Brasil e à precarização do sistema educacional brasileiro frente a um velho e atual congresso que não prioriza a pasta da Educação e Cultura, com desmanches cada vez mais irreversíveis.

Figura 7 – Professor Girafales



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

Personagem do seriado Chaves, Girafales tinha o papel de professor que lecionava para uma turma de crianças inquietas e rebeldes e, que na maioria das vezes, precisava intervir pedindo “Silêncio!” Segundo a lógica do Escola Sem Partido, o ato de pedir silêncio em sala dependendo de como posicionado, pode configurar doutrinação –

comportamento esse repreendido pelo projeto de lei e que estaria perceptível em um ambiente de vigilância, denúncia e punição – ou criminalização como muitos defendem.

Figura 8 – Professor Dumbledore



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

O Personagem acima faz parte da narrativa da saga Harry Potter, criada por J. K. Rowling. Na história, além de professor, Dumbledore também exercia a função de diretor da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogowarts. Aqui, o ato de falar mal, seja de algum ministério ou qualquer outra instituição, passagem/personagem/contexto histórico, nos remete a um dos núcleos centrais da proposta do Escola Sem Partido: “dar visibilidade à instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários” (NAGIB, online, [s/d]), se apresentado como um movimento que se “preocupa com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis [...]” (Idem, Ibidem). Opinar, mesmo que com argumentação e referencial teórico, é para os defensores do Escola Sem Partido, prática de doutrinação ideológica (de esquerda).

Figura 9. Professor Xavier



Fonte: coleta de dados realizada pelo autor.

Personagem de quadrinhos da série *X-Men* e posteriormente da sequência cinematográfica do filme que leva o mesmo nome, o Professor Xavier é um dos mais poderosos personagens da indústria Marvel. É um mutante em seu mais alto nível e tinha como poderes a telepatia, a ilusão telepática, a manipulação mental e rajada psiônica. Na história, defende a ideia de que não há problema em ser diferente quando precisa aproximar demais jovens que recentemente também se descobriram mutantes.

A criminalização do professor funda-se justamente na ideia de que trabalhar com tal temática e sugerir em outras palavras que “ser diferente é normal” vai de encontro com um dos pilares que sustenta o movimento Escola Sem Partido: a definição de papéis, principalmente quanto à ideologia de gênero, o ensino da sexualidade e temas correlatos. Numa perspectiva mais ampla, o Escola sem Partido impediria de o professor “imiscuir-se, direta ou indiretamente, na orientação sexual dos alunos” (RATIER, 2016, p. 36).

Cumprir pontuar que os memes, em geral, e isso pode ser observado com os nove conteúdos apresentados acima, são elaborados visualmente por meio de uma imagem fixa, que retrata algum episódio do cotidiano, e de um texto, vinculado a outra situação. O resultado final é que o meme que fora produzido possui uma resignificação própria. Se na esfera do ciberespaço, a produção de conteúdo deixa de ser centralizada e unidirecional, os memes carregam a desobrigação de obedecer à parâmetros de determinadas estruturas organizacionais, como é o caso do G1. Os memes são elaborados em um universo compartilhado e colaborativo e geralmente com autoria desconhecida.

Acerca dessa simplicidade, pode-se inferir que os novos gêneros em formatos de memes “podem ser produzidos com os mais básicos programas de edição, pois o objetivo não é arte, mas a situação que deseja comunicar, sempre com o fundo de comicidade” (CANDIDO; GOMES, 2015, p. 1298).

A internet é, portanto, potencializadora de canais de produção e participação do leitor que agora é produtor e distribuidor e equipara-se como um instrumento de transformação social. Pode-se, nesse caso, concluir que, conforme bem sublinha Martino (2015, p. 178), “qualquer pessoa com conhecimentos rudimentares de edição de imagem digital pode, potencialmente, se apropriar de uma ideia, modificá-la e

compartilhá-la”, procedimentos inerentes ao próprio ambiente do digital e características próprias desse novo gênero oriundo do atual processo de comunicação.

3. Considerações Finais

Se por um lado as estruturas de uma mídia tradicional se comunicam com intuito de manterem privilégios em consonância com as facetas de um mundo global e de entender o procedimento repressivo que o Escola Sem Partido apresenta, só um ambiente digital – e aqui tem-se os memes – como novos formatos e linguagem que conseguem se opor a essa estrutura já consolidada.

Enquanto a construção discursiva ressignificada pelos conglomerados da grande mídia possui como características a unidirecionalidade e produção centralizada, integrada e padronizada de seus conteúdos, há por meio dos memes um papel inverso desse discurso: há, cada vez mais, uma realidade mutável daquilo que foi e será o ecossistema da comunicação, visto que o tripé leitor-ouvinte-telespectador elevou-se a um nível para além de consumidor, agregando técnicas que o reconfigura como usuário-editor-distribuidor de conteúdo e até mesmo de notícia, alterando, portanto, essas formas de comunicação.

Enquanto a mídia tradicional possui um papel de legitimação da informação, em contrapartida, a internet surge como um modelo mais democrático, interativo e plural, criando-se possibilidades de produzir, interagir e consumir conteúdo. Há movimentos, inclusive, que evidenciam um papel ativo e significativo dos atores ao consumirem produtos midiáticos, como o interacionismo simbólico (BLUMER, 1980).

E é aqui que os memes ganham significados: são compartilhados por atores sociais narrando os acontecimentos que estão em evidência no cenário político atual. Ou melhor, transportam em si uma potencialidade de replicação da articulação dos acontecimentos políticos. Se a mídia tradicional enquadra a realidade de modo a conjugar pensamento e ação de forma a beneficiar-se, será na internet – e aqui no caso os memes – capazes de incentivar conteúdos que se opõem a essa grande mídia e de resistirem ao chamado atores econômicos fundamentais: os conglomerados empresariais articulados em nível global. Os memes podem, a partir de então, criticar e/ou ironizar a mídia institucionalizada e seus produtos, assim como, os diferentes fatos da contemporaneidade.

Vê-se, portanto, como esses formatos circulados em redes podem ser considerados como formas de produção de capital simbólico, uma vez que são produzidos para a familiarização do usuário com determinado elemento que se quer opor ou desconstruir.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2009.

BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, C.D. **Teoria da comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980.

CANDIDO, E. C. R; GOMES, N. T. **Memes – uma linguagem lúdica**. Revista Philologus, Rio de Janeiro, ano 21, n. 63, p. 1293-1303, set./dez., 2015.

DAWKINS, R.. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

FACEBOOK. **Minhas Campinas**. [comentário pessoal]. 14 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/minhacampinas/posts/1210702435701513>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

FONTANELLA, F. **O que é um meme na Internet?** Proposta para uma problemática da memesfera. In: III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2009b.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015

NAGIB, M. [s/d] **Site Escola Sem Partido**. Disponível em: <<http://escolasempartido.org/midia/%20395-entrevista-de-miguel-nagib-a-revista-profissao-mestre/>>. Acesso em: 05 abr. 2019

_____. Quem Somos. [s/d]. **Site Escola Sem Partido**. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/quem-somos>>. Acesso em: 05 abr. 2019

_____. Apresentação. [s/d]. **Site Escola Sem Partido**. Disponível em: <<http://escolasempartido.org/apresentacao>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

RATIER, R. A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso. Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.). In: **14 perguntas sobre o “Escola Sem Partido.”** São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 36. Disponível em: <<https://ctbeducars.files.wordpress.com/2017/05/livro-escola-sempartido.pdf> >. Acesso em: 15 abr. 2019.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.